

A Tour Through the Whole Island of Great Britain . . ., de Daniel Defoe, e a Escrita de Viagens

Miguel Alarcão

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – CETAPS

Citation: Miguel Alarcão. “*A Tour Through the Whole Island of Great Britain . . .*, de Daniel Defoe, e a Escrita de Viagens.” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 8, n.º 1, 2019, pp. 48-59. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>.

Abstract

The centrality of the work whose 3rd centenary is celebrated in 2019 - *Robinson Crusoe*, 1719 - should not make us forget the renovated relevance and interest of other texts by Daniel Defoe (c.1660-1731), such as, for example, *The Shortest Way with the Dissenters* (1702), for those who want to reflect on religious (in)tolerance; *The True-Born Englishman* (1701), which may be related to policies and practices of ethnic-racial segregation, mass migrations or the multicultural dimension of contemporary identities and societies; or *A Tour Through the Whole Island of Great Britain* (1724-26, 3 vols.), which will be the central theme of this paper.

Keywords: Daniel Defoe; *A Tour through the Whole Island...*; Travel literature; Travel writing; English mercantilism.

Resumo

A centralidade da obra cujo 3.º centenário se comemora em 2019 - *Robinson Crusoe*, 1719 - não deverá fazer-nos esquecer a atualidade e relevância de outros textos de Daniel Defoe (c.1660-1731), como, por exemplo, *The Shortest Way with the Dissenters* (1702), para quem queira refletir sobre (in)tolerância religiosa; *The True-Born Englishman* (1701), relacionando-o com políticas e práticas de segregação étnico-raciais, as migrações de massas ou a dimensão multicultural das identidades e sociedades contemporâneas; ou ainda *A Tour Through the Whole Island of Great Britain* (1724-26, 3 vols.) que será o tema central do presente artigo.

Palavras-chave: Daniel Defoe; *A Tour through the Whole Island...*; Literatura de viagens; Escrita de viagens; mercantilismo inglês.

Ao Professor Doutor Gualter Cunha

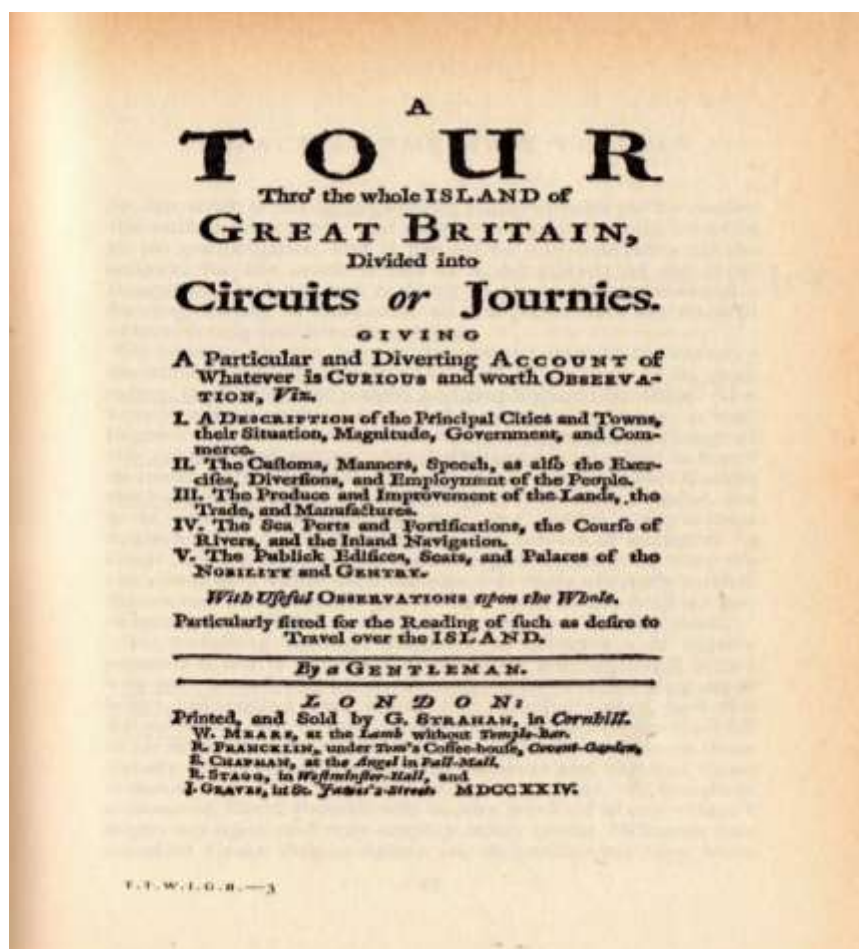
Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, ..., em Turim, que é quase tão frio como Sampetersburgo --- entende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio *Xavier de Maistre*, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de Estio, viajo até à minha janela para ver uma nesguita de Tejo ... e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam ... nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. Pois hei-de dar-lho. Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há-de fazer crónica. (Garrett 14-15)

Todos terão já reconhecido o autor do excerto em epígrafe e a obra na qual se insere (*Viagens na Minha Terra*, 1846). Não é, porém, nosso propósito abordar aqui a figura polifacetada de Garrett, quer se trate do escritor (romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta...), do político (parlamentar, diplomata, governante...) ou do resistente, emigrante e cidadão, além de introdutor e primeiro grande cultor da novelística romântica em Portugal; ocupar-nos-á, isso sim, outro “homem dos sete ofícios” - Daniel Defoe (c.1660-1731) -, curiosamente também ele, como Garrett, um nome pioneiro na configuração e na história da ficção narrativa do seu país (no caso de Defoe, do proto-romance realista ou “moderno” em língua inglesa), conforme sublinhado por Ian Watt, Walter Allen e Arnold Kettle, entre outros.

A centralidade da obra cujo 3.º centenário se comemora em 2019 (*Robinson Crusoe*, 1719) não deverá fazer-nos esquecer a atualidade e relevância de outros textos de Defoe, como *The Shortest Way with the Dissenters* (1702), para quem queira refletir sobre (in)tolerância religiosa, ou *The True-Born Englishman* (1701), relacionando-o com políticas e práticas de segregação étnico-raciais ou a dimensão multicultural das identidades e sociedades contemporâneas. Optámos, contudo, por discutir uma obra que, tomando ainda de empréstimo o título de Garrett, regista, por assim dizer, as viagens de Defoe na sua terra: *A Tour Through the Whole Island of Great Britain* (1724-26, 3 vols.), doravante identificada simplesmente como *Tour*.¹

Das treze cartas que compõem a obra, prescindiremos aqui das últimas três, relativas à Escócia e coletivamente intituladas “Introduction to the Account and Description of Scotland”, não por qualquer menosprezo da nação britânica mais setentrional, mas, bem pelo contrário, por entendermos que mereceria uma abordagem *per se*.



Embora o título seja extenso e suficientemente explícito, para melhor compreendermos o que Defoe se propõe fazer, recorreremos a alguns excertos prefaciais dos dois primeiros volumes, no sentido de identificar as principais linhas de força do pensamento e do discurso de Daniel Defoe. Assim, no Prefácio ao 1.º volume, a *Tour* é apresentada nos seguintes termos:

If novelty pleases, here is the present state of the country described, the improvement, as well in culture, as in commerce, the increase of people, and employment for them. Also here you have an account of the increase of buildings, as well in great cities and towns, as in the new seats and dwellings of the nobility and

gentry; also the **increase** of wealth. . . . Where-ever [sic] we come, and which way soever we look, we see something **new**, something significant, something **well worth the traveller's stay, and the writer's care**; (43; negritos nossos)

. . . the situation of affairs in **this great British Empire** gives such **new** turns . . . that there is matter of **new** observation every day presented to the traveller's eye. The fate of things gives a **new** face to things, produces changes in low life, and innumerable incidents; plants and supplants families, raises and sinks towns, removes manufactures, and trades; great towns decay, and small towns rise; **new** towns, **new** palaces, **new** seats are built every day; great rivers and good harbours dry up, and grow useless; . . . **new** ports are opened, brooks are made rivers, small rivers navigable, ports and harbours are made where none were before, (44; negritos nossos)

The observations here made, as they principally regard the **present** state of things, ... are adapted to the **present** taste of the times. The situation of things is given **not as they have been, but as they are**; the **improvements** in the soil, the product of the earth, the labour of the poor, the **improvement** in manufactures, in merchandises, in navigation, all respects **the present time, not the time past**. In every county something of the people is said, as well as of the place, of their customs, speech, employments, the product of their labour, and the manner of their living, the circumstances as well as situation of the towns, their trade and government; of the rarities of art, or nature; the rivers, of the inland, and river navigation; also of the lakes and medicinal springs, not forgetting the general dependance of the whole country upon the city of London, as well for the consumption of its produce as the circulation of its trade. (45; negritos nossos)²

Além da preocupação com a atualidade, princípio ainda hoje norteador da profissão de jornalista, a insistência nas teclas da utilidade, do melhoramento e da inovação, todas elas retomadas e expandidas no/pelo século XIX, convidariam a um estudo específico da recepção desta obra na era vitoriana³ e mesmo a um pequeno devaneio: como teria Defoe reagido à Grande Exposição Universal de Londres (1851), se não tivesse falecido cento e vinte anos antes? No entanto, embora Defoe sublinhe, por diversas vezes, o rigor da informação, a pessoalidade da observação e a imparcialidade do seu relato,⁴ a *Tour* enferma de pontuais incorreções,⁵ bem como de alguns arrebatamentos patrióticos que roçam o chauvinismo e de que são exemplo afirmações como “the work it self [sic] is a description of the most flourishing

and opulent country in the world . . .” (43) e “posterity will be continually adding; every age will find an increase of glory. And may it do so, till Great Britain as much exceeds the finest country in Europe, as that country now fancies they exceed her” (46).

O 2.º Prefácio da obra retoma os principais tópicos acima referidos, acrescentando-lhes considerações estilísticas:

It is not an easy thing to travel over a whole kingdom, and **in so critical a manner . . .**, as will enable the traveller to give **an account of things fit for the use of those that shall come after him.**

. . . Our manner is **plain**, and suited to the nature of **familiar letters**; . . . we keep close to the . . . design of giving, **as near as possible**, . . . an account of things, as may entertain the reader, and give him a view of our country, such as may tempt him to travel over it himself. (239; negritos nossos)

. . . there will always be something **new**, for those that come after; and if an account of Great Britain was to be written every year, there would be something found out, which was overlooked before, or something to describe, which had its birth since the former accounts. **New** foundations are always laying, **new** buildings always raising, highways repairing, churches and public buildings erecting, fires and other calamities happening, fortunes of families taking different turns, **new** trades are every day erected, **new** projects enterprised, **new** designs laid; so that as long as England is a trading, **improving** nation, no perfect description either of the place, the people, or the conditions and state of things can be given. (240; negritos nossos)

O 3.º volume, abrangendo as regiões a norte do rio Trent (incluindo Nottingham e, já agora, um curioso apontamento sobre a floresta de Sherwood e Robin Hood),⁶ consagra, logicamente, atenção à Escócia, que Defoe conhecia bem; tal atenção dever-se-á, em larga medida, à união político-comercial com a Inglaterra (1707) como parte integrante de uma Grã-Bretanha “imperial”, exaltada, como vimos, por Daniel Defoe. Atente-se, por exemplo, no seguinte excerto:

I might enlarge here upon the honour it is to Scotland to be a part of the British Empire, and to be incorporated with so powerful a people under the crown of so great a monarch; their being united in name as one, Britain, and their enjoying all the

privileges of, and in common with, a nation who have the greatest privileges, and enjoy the most liberty of any people in the world (446).

Passando à obra propriamente dita, Defoe⁷ - na tripla qualidade de autor, narrador e protagonista - oferece-nos, sob forma epistolar, uma visão panorâmica da Grã-Bretanha no início da era hanoveriana, enaltecendo-lhe a vitalidade e pujança manufatureiras e comerciais⁸ numa época ainda anterior, recorde-se, à Revolução Industrial.⁹ Para este quadro de profundo dinamismo concorrem fatores e circunstâncias do período tardo-Stuart, tais como a estabilização político-institucional (Revolução Gloriosa e Declaração dos Direitos, 1688-89); a estatização e regulação económico-financeiras decorrentes da criação do Banco de Inglaterra (1694); os sucessos militares nas guerras da Liga de Augsburg (1688-1697) e da Sucessão de Espanha (1701-1713); a transição dinástica assegurada pelo *Act of Settlement* (1701) e, finalmente, já com os Hannover no trono (George I, 1714-1727), a erradicação, ainda que temporária, da ameaça jacobita (1715).¹⁰ Paralelamente, a *Tour* pode ser lida como um reflexo e uma apologia implícitos dos protecionismos mercantilistas,¹¹ dominantes no tempo de Defoe;¹² uma celebração do *Homo economicus* (e, em particular, *britannicus*) e da valorização puritana e moral do trabalho¹³ (ou da “ética protestante” e do “espírito do capitalismo”, como diria Max Weber).¹⁴ De resto, segundo Elizabeth A. Bohls e Ian Duncan, “His [Defoe’s] survey of the multinational state created at the 1707 Treaty of Union between England and Scotland founded a distinctively modern genre of ‘economic tourism’” (96).

Embora já contemporânea de relatos de viagem associados à *Grand Tour* setecentista, a *Tour* é, sem dúvida, pioneira em termos de “turismo doméstico”, antecedendo, por exemplo, o *Journal in the Lakes* (1769), de Thomas Gray, *A Guide to the Lakes* (1778), de Thomas West, *A Journey to The Western Islands of Scotland* (1775), de Samuel Johnson, *The Journal of a Tour to the Hebrides* (1785), de James Boswell, e *Observations during a Tour in the Lakes* (1795), de Ann Radcliffe. Segundo J. H. Plumb, “Since Hackluyt and Purchas, travel literature had grown more popular and, with the spread of England’s commercial interests, the demand increased. In the twenties and thirties the output of travel books was second only to theology . . .” (30); e de

facto, como nota Chamberlin, “had he [Defoe] but known it, the country was about to be overwhelmed with a flood of *Memoirs and Journals, of Journeys, Travels and Tours*. Writing in the 1780s, the Honourable John Byng noted wryly: ‘Tour-writing is the very rage of the times’” (62). Isto não significa que, por detrás do texto de Defoe, não seja possível detetar traços e influências legados pelos séculos XVI e XVII como o antiquarianismo¹⁵ e a inventariação patrimonial histórico-artística, patentes em obras como *Itinerary* (1530s), de John Leland, e *Britannia* (1586), de William Camden, entre outras de história regional e local.

O facto de a *Tour* constituir um repositório de informações corográficas, geográficas, históricas e artísticas explica a tendência para a sua frequente utilização e análise como um “documento” fidedigno;¹⁶ pelo contrário, a vertente de “monumento” literário é quase sempre esquecida, o que é curioso, se se considerar que, apesar de tudo, a designação de “literatura de viagens” ainda circula, a par de *travel writing*.¹⁷ Ora se, como disse Roman Jakobson, o que define a literatura é a literariedade, existirão ou não elementos que justifiquem e avalizem uma leitura literária de *A Tour*? Afinal, como nota Tim Youngs, “perhaps a relative lack of attention to the literary structures and techniques of travel writing is partly responsible for the scant respect paid to it.” (“The Importance of Travel Writing” 56). Ou será que a questão não faz sentido, se se considerar que, como escrevem Peter Hulme e Tim Youngs, reportando-se à transição dos séculos XIX-XX, “Travel writing was becoming travel literature” (7)?¹⁸ A ser assim, dir-se-ia --- o que não nos parece pacífico --- que a escrita de viagens só se transforma em literatura de viagens quando é (ou começa a/por ser) cultivada por autores (re)conhecidos por/atraves de outros géneros, formas e modalidades textuais que exploram, esses sim, todo o potencial conotativo, sugestivo e simbólico da linguagem no limiar do(s) desvio(s) literário(s) face à(s) norma(s) linguística(s).

De uma forma talvez simplista, sugeriríamos que a eventual “literariedade” desta obra enquanto “monumento”, patente numa ou noutra descrição paisagística avulsa,¹⁹ é larga e efetivamente ofuscada pela “literalidade” (ou “factualidade”) do “documento”,²⁰ assente na (ad)opção (de) por um estilo entre o relato conversacional e a crónica ou reportagem

jornalística, bem como de um nível de língua corrente, na linha, aliás, dos preceitos estilísticos advogados pela *Royal Society*.²¹ Mas para esta assimetria contribuem também, em nossa opinião, duas circunstâncias estético-culturais: por um lado, e apesar do contributo protagonizado por Joseph Addison na célebre série de ensaios *On the Pleasures of the Imagination* (1712),²² a inexistência de propostas de caracterização ou codificação das categorias do sublime e do pitoresco, apenas teorizadas por Edmund Burke,²³ William Gilpin²⁴ e Uvedale Price²⁵ na segunda metade do século XVIII;²⁶ por outro, a clara dissociação gnosiológica, no relato de Defoe, entre sujeito observador e objeto observado.²⁷ Dito de outro modo: a identificação, homologia ou osmose de “estados de alma” e “paisagens”, a que alude Fernando Pessoa em *Cancioneiro* (1930), só chegaria com os primeiros afloramentos e manifestações textuais de sensibilidades ou subjetividades românticas, escassas décadas após a morte de Defoe. Feitas estas ressalvas, subscreveríamos globalmente o parecer de Pat Rogers:

... it seems to me that Defoe achieved the most satisfactory mode of literary tourism.... he hit on the best blend of objective fact and personal commentary; the neatest amalgam of gazetteer and traveller's tale; the densest mixture of history and prophecy, myth and reportage, observation and impression, formal coverage and informal anecdote. (in Defoe 29)

Here is a cantata to the praise of the British: their commerce, their industry, their cities and villages, their country seats and market towns. Yet it is also in places a requiem for vanished splendours. Out of this picture of *grandeur et décadence* there emerges not just a mirror of Britain, ... but a vision of nationhood. (in *ibidem* 34)²⁸

Obras Citadas

- Addison, Joseph. *Os Prazeres da Imaginação*. Editado por Maria Helena de Paiva Correia, Edições Colibri/Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, 2002.
- Allen, Walter. *The English Novel. A Short Critical History*. Penguin Books Ltd., 1991 (Phoenix House, 1954).
- Bohls, Elizabeth A. e Ian Duncan, eds. *Travel Writing 1700-1830*. Oxford University Press, “Oxford World's Classics”, 2008 (2005).

- Chamberlin, Russell. *The Idea of England*. Thames & Hudson, 1986.
- Cunha, Gualter. “Robinson Crusoe e a representação do individualismo - história breve de uma perspectiva crítica.” *Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos*, Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, no.1, 1990, pp. 5-23.
- Defoe, Daniel. *A Tour Through the Whole Island of Great Britain*. Abridged and edited with an introduction and notes by Pat Rogers, Penguin Books, “Penguin Classics”, 1986 (1971; ed. orig. 1724-26).
- Deyon, Pierre. *O Mercantilismo*. 2.^a ed., Editora Perspectiva S.A., “Khronos”, 1, 1985, (*Le Mercantilisme*. Flammarion, 1969).
- Ford, Boris, ed. *The New Pelican Guide to English Literature*, IV, *From Dryden to Johnson*. Penguin Books, 1982 (*The Pelican Guide to English Literature*, 1957).
- Gard, Robin, ed. *The Observant Traveller. Diaries of Travel in England, Wales and Scotland in the County Record Offices of England and Wales*. HMSO, 1989.
- Garrett, Almeida. *Viagens na Minha Terra*. Realização didáctica de Luís Amaro de Oliveira, 2.^a ed., Porto Editora, 1977 (1974; ed orig. 1846).
- Hill, Christopher. *Reformation to Industrial Revolution*. Penguin Books, “The Pelican Economic History of Britain”, vol. 2: 1530-1780, 1986 (Weidenfeld & Nicolson, 1967).
- Hulme, Peter e Tim Youngs, eds. *The Cambridge Companion to Travel Writing*, Cambridge University Press, 2008 (2002).
- Landa, Louis A. *Essays in Eighteenth-Century English Literature*. Princeton University Press, 1980.
- Novak, Maximilian E. *Eighteenth-Century English Literature*. Macmillan, “Macmillan History of Literature”, 1985 (1983).
- Plumb, J. H. *England in the Eighteenth Century*. Penguin Books Ltd., “The Pelican History of England”, 7, 1983 (1950).
- Richetti, John, ed. *The Cambridge Companion to Daniel Defoe*. Cambridge University Press, 2008.
- Rogers, Pat. “Defoe’s *Tour* and the identity of Britain.” *The Cambridge Companion to Daniel Defoe*, edited by John Richetti, Cambridge University Press, 2008, pp. 102-120.
- , ed. *The Eighteenth Century*. Holmes & Meier Publishers, Inc., “The Context of English Literature”, 1978.

- Sambrook, James. *The Eighteenth Century - The Intellectual and Cultural Context of English Literature, 1700-1789*. Longman, "Longman Literature in English Series", 1989 (1986).
- Tawney, R. H. *Religion and the Rise of Capitalism*. Penguin Books, 1990 (S.l.: John Murray, 1926).
- Taylor, Arthur. *As Grandes Doutrinas Económicas*. 9ª ed., Publicações Europa-América, "Saber", 1990 (1951), pp. 26-35.
- Thompson, Carl. *Travel Writing*. Routledge, "The New Critical Idiom", 2011.
- Watt, Ian. "Robinson Crusoe, individualism and the novel." *The Rise of the Novel. Studies in Defoe, Richardson and Fielding*. Chatto & Windus, 1957, pp. 60-92.
- Weber, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, 3ª ed., Editorial Presença, Lda., "Biblioteca de Textos Universitários", 58, 1990 (*Die Protestantische Ethik...*, 1905).
- Youngs, Tim. *The Cambridge Introduction to Travel Writing*. Cambridge University Press, 2014 (2013).
- . "The Importance of Travel Writing." *The European English Messenger*, vol. 13.2 (Autumn 2004), pp. 55-62.

¹ *A Tour Thro' the Whole Island of Great Britain, Divided into Circuits or Journies. Giving A Particular and Diverting Account of Whatever is Curious and worth Observation, Viz., I. A Description of the Principal Cities and Towns, their Situation, Magnitude, Government and Commerce. II. The Customs, Manners, Speech, as also the Exercises, Diversions, and Employment of the People. III. The Produce and Improvement of the Lands, the Trade, and Manufactures. IV. The Sea Ports and Fortifications, the Course of Rivers, and the Inland Navigation. V. The Publick Edifices, Seats, and Palaces of the Nobility and Gentry. With Useful Observations upon the Whole. Particularly fitted for the Reading of such as desire to Travel over the Island. By a Gentleman.* London: Printed, and Sold by G. Strahan, in Cornhill. . . . MDCCXXIV.

² "As he [Defoe] seems to have been one of the first to realize, the growth of London was the crucial factor in England's transformation from a regionally based agricultural economy, providing for little more than subsistence . . . to a powerful, integrated economy." (Sambrook 78-79)

³ ". . . Defoe was almost a prototype of a kind of Englishman increasingly dominant during the eighteenth century and reaching its apotheosis in the nineteenth; the man from the lower classes, whose bias was essentially practical and whose success in life, whether in trade or industry, was intimately connected with his Protestant religious beliefs and the notion of personal responsibility they inculcated." (Allen 38).

⁴ "[The author] is very little in debt to other men's labours, and gives but very few accounts of things, but what . . . he has been an eye-witness of himself" (45); ". . . the accounts here given are not the produce of a cursory view, or raised upon the borrowed lights of other observers." (*Ibidem*) e ". . . we doubt not to have obtained the just reputation of having written with impartiality and with truth" (240).

⁵ Cf., por exemplo, a estimativa de 1.500.000 habitantes de Londres (Rogers in Richetti, ed. 105-106); sobre a atenção dedicada à capital britânica, veja-se também Landa 225-227.

⁶ ". . . this forest does not add to the fruitfulness of the county, for 'tis now, as it were, given up to waste; even the woods which formerly made it so famous for thieves, are wasted; and if

there was such a man as Robin Hood, a famous out-law [sic] and deer-stealer, that so many years harboured here, he would hardly find shelter for one week, if he was now to have been there. Nor is there any store of deer, compared to the quantity which in former times they tell us there usually was” (455).

⁷ “this laureate of trade” e “the laureate of commerce”, no dizer de Louis A. Landa (198 e 213).

⁸ “. . . I was resolved to have a perfect knowledge of the most remarkable things, and especially of the manufactures of England, which I take to be as well worth a traveller’s notice, as the most curious thing he can meet with . . .” (485).

⁹ “The modern reader, accustomed to think of the Industrial Revolution as being . . . a late eighteenth-century phenomenon, encounters . . . the evidence of an exploding economy . . . in the opening years of the century.” (Chamberlin 59); segundo o mesmo autor, a *Tour* apresenta e representa “. . . an exciting new view of an ancient country changing its pattern of life.” (*Ibidem* 56)

¹⁰ Para uma caracterização geral, consultem-se, por exemplo, Hill 226-239 e Plumb 21-27.

¹¹ Embora relativas a *Robinson Crusoe*, transcrevemos as palavras de Gualter Cunha: “Partindo de uma caracterização de alguns traços fundamentais do pensamento económico do séc. XVII, assim como de uma análise das concepções de Defoe sobre economia e sociedade evidenciadas nas suas obras, Novak acaba por considerar este autor como plenamente inserido dentro da tradição das doutrinas mercantilistas que, longe de privilegiarem o livre-emprego que viria a caracterizar a economia liberal, defendem pelo contrário a ideia de um corpo económico colectivo dominado por um poder de Estado regulador e intervencionista. Pode-se afirmar que ... Novak procede assim a uma autêntica revolução copernicana: aquele que tradicionalmente era visto como um arauto do *laissez-faire* aparece agora como um mercantilista conservador” (17).

¹² “Em Inglaterra não são intelectuais . . . que formam a numerosa falange dos autores mercantilistas. São homens práticos, mercadores experientes ou homens conhecedores dos negócios de Estado . . . É realmente sob o signo da actividade comercial que a corrente mercantilista avulta em Inglaterra. É um verdadeiro *mercantilismo*.” (Taylor 30-31) Também para Deyon, “. . . o mercantilismo adquiriu na Inglaterra três formas essenciais: protecção da moeda e dos estoques de metais preciosos, protecção da produção, encorajamentos e favores à marinha e ao comércio nacional” (30) e “Manufacturas bem protegidas, mas livres de toda regulamentação autoritária das fabricações e das técnicas, uma marinha poderosa, uma agricultura próspera e lucrativa, instituições parlamentares e políticas favorecendo a consulta e o confronto dos interesses, a Inglaterra estava pronta para a grande aventura industrial” (*Ibidem* 34).

¹³ Sublinhada por Ian Watt no capítulo intitulado “*Robinson Crusoe*, individualism and the novel” (60-92).

¹⁴ Para o pensador alemão, “. . . a valoração religiosa do trabalho profissional incessante, continuado e sistemático como meio de ascese . . . e . . . a maneira mais segura e visível de comprovar a regeneração dos homens e a veracidade da sua crença ... foi a alavanca mais poderosa da concepção de vida que designámos por ‘espírito do capitalismo’”. (130) Também para R. H. Tawney, “the main economic dogma of the mercantilist had an affinity with the main ethical dogma of the Puritan, To the former, production, not consumption, was the pivot of the economic system, and . . . consumption is applauded only because it offers a new market for productive energies. To the latter, the cardinal virtues are precisely those which find in the strenuous toils of industry and commerce their most natural expression” (249).

¹⁵ À ênfase e valorização dadas por Defoe a tudo o que seja ou represente novidade, inovação e progresso correspondem várias declarações, demarcando-se do antigo; cf., por exemplo, “Mr Camden, and his learned continuator, Bishop Gibson have ransacked this country for its antiquities, and have left little unsearched; and, as it is not my present design to say much of what has been said already, I shall touch very lightly where . . . such excellent antiquaries have gone before me; . . .” (49); “. . . antiquity is not my proper business . . .” (110); “. . . antiquity is not my work . . .” (243) e “. . . I am backward to dip into antiquity . . .” (556). Segundo Bohls e Duncan, “Breaking with the antiquarian tradition of Camden, Defoe highlights trade and industry as the foundations of an imperial greatness located in Britain’s future rather than its past” (96).

¹⁶ Para Charles Batten Jr, ". . . the itinerary [Defoe] reports having followed serves as a central fiction by which he draws together . . . personal observations gleaned from various trips through Great Britain as well as facts often taken without acknowledgment from other books. Consequently, Defoe's descriptions seem essentially truthful, but the narrative that connects them is largely fictional" (*Apud* Young 39).

¹⁷ "... it is no easy matter to provide a neat and unproblematic definition, or delimitation, of what counts as travel writing. The term is a very loose generic label, and has always embraced a bewilderingly diverse range of material. . . . Simultaneously, and partly as a result of this intrinsic heterogeneity, travel writing has always maintained a complex and confusing relationship with any number of closely related (indeed, often overlapping genres. . . . One consequence of this heterogeneity and hybridity is that it is often hard to define where 'travel writing' ends and other genres begin, such as autobiography, ethnography, nature writing and fiction." (Thompson 11-12) e "Around the central form of the travel book . . . there circulates a still greater range of texts that can . . . potentially be understood either as branches and sub-genres of travel writing, or else as separate genres closely cognate with travel writing, . . . sometimes merging into it: guidebooks, itineraries, novels with a pronounced travel theme, memoirs, writings of place, descriptions of the natural world, maps, road movies and much else besides" (*Ibidem* 26). Em suma, e como lembra Carl Thompson, citando Jonathan Raban, "travel writing is a notoriously raffish open house where different genres are likely to end up in the same bed." (*Apud ibidem* 11)

¹⁸ Por esta expressão entendemos um texto (ou um conjunto heterogêneo de textos) relativo(s) a uma deslocação, real ou imaginada(ária), num determinado espaço físico-temporal, fictício ou não, ou dela decorrente(s).

¹⁹ Cf., por exemplo, a seguinte evocação dos palácios e das mansões ao longo do Tamisa: "Take them in a remote view, the fine seats among the trees as jewels'shine in a rich coronet; in a near sight they are mere pictures and paintings; at a distance they are all nature, near hand all art; but both in the extremest beauty. In a word, nothing can be more beautiful; here is a plain and pleasant country, a rich fertile soil, cultivated and enclosed to the utmost perfection of husbandry, then bespangled with villages; those villages filled with these houses, and the houses surrounded with gardens, walks, vistas, avenues, representing all the beauties of building, and all the pleasures of planting. It is impossible to view these countries from any rising ground and not be ravished with the delightful prospect" (176).

²⁰ ". . . my business is to relate, rather than make remarks" (257).

²¹ "They have exacted from all their members, a close, naked, natural way of speaking; positive expressions; clear senses; a native easiness; bringing all things as near the Mathematical plainness, as they can: and preferring the language of Artizans, Countrymen, and Merchants, before that, of Wits, or Scholars" (Thomas Sprat *apud* Ford, ed. 139).

²² Mais precisamente em *The Spectator*, nos. 409 e 411-421 (*Addison passim*).

²³ *A Philosophical Enquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and the Beautiful* (1757).

²⁴ *Three Essays: on Picturesque Beauty, on Picturesque Travel, and on Sketching Landscape* (1792), além de *Observations on the River Wye...* (1782).

²⁵ *An Essay on the Picturesque, as compared with the Sublime and Beautiful; and, on the Use of studying Pictures, for the purpose of improving real Landscape* (1794).

²⁶ Elizabeth A. Bohls e Ian Duncan corroboram esta ideia, ao escrever: "Later in the century, the language of aesthetics, describing the picturesque and sublime in natural and man-made landscape, entered travel writing to become a nearly indispensable convention ..." (xxiii).

²⁷ "... early eighteenth-century travel writing subordinates --- often nearly banishes --- the traveller-writer's individual, subjective experience" (*Ibidem*).

²⁸ "... various discourses of travel writing, including antiquarian, economic, and aesthetic tourism, played a significant part in consolidating the new sovereign territory of the United Kingdom between the Acts of Union with Scotland (1707) and Ireland (1801)." (*Ibidem* xxvi)